

Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 4 - Educação de qualidade

RACISMO EM REFLEXÃO: TRÊS FORMAS DE REPRESENTAÇÃO PARA O ENSINO FUNDAMENTAL¹

RACISM IN REFLECTION: THREE WAYS OF REPRESENTATION FOR ELEMENTARY SCHOOL

Marcelo Fabrício da Frota²

¹ Projeto de Extensão

² Mestrando

RESUMO

O cinema, em uma definição primária, é entretenimento. Filmes são produzidos, em sua maioria, para divertir, ou seja, entreter, e em alguns casos, trazer tópicos ou temas que nos fazem refletir. Muitas são as tramas que se apoiam, inspiram ou baseiam-se em "histórias reais". O presente trabalho tem por objetivo a análise do uso de recursos cinematográficos, em uma abordagem do tema do racismo, a partir do sexto ano do Ensino Fundamental. Para isso, a escolha dos filmes a serem apresentados, se torna delicada, devido à faixa etária do grupo focal, tornando produções como *12 Anos de Escravidão* e *Mississippi em chamas* inadequadas para o trabalho educativo. Levando em conta o quanto o cinema pode nos ensinar, e a influência cultural que o mesmo tem em nós desde tenra idade, a proposta é levar para salas de aula produções que tratem do tema racismo de forma mais branda, sem violência em excesso, e que mostrem, o quanto esse tema é arbitrário e absurdo. Para isso, foram selecionadas três produções baseadas em histórias reais: *Green Book: O Guia* (2018), *Infiltrado na Klan* (2018) e *Estrelas além do tempo* (2016). Para a contextualização e discussão dos filmes em sala de aula, a proposta é a produção de uma fala a respeito da trama dos filmes apresentados e como estes se relacionam à visão do negro, levando em conta a história da cultura negra e a sociedade em si, no recorte histórico apresentado pelo filme.

Palavras-chave: CINEMA, RACISMO, EDUCAÇÃO.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo utilizar produções cinematográficas que abordam o tema racismo, e as formas como o mesmo é retratado nas telas, tendo como foco o trabalho escolar sobre a discriminação racial, tanto no ambiente escolar em séries do ensino fundamental, mais especificamente do sexto ao nono ano, assim como, na sociedade. Para isso, foram escolhidas três produções norte-americanas recentes: *Estrelas além do tempo* (2016), de Theodore Melfi; *Infiltrado*

Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 4 - Educação de qualidade

na Klan (2018), de Spike Lee e *Green Book: O Guia* (2018), de Peter Farrelly.

A escolha dessas produções mencionadas acima obedeceu dois critérios: serem baseadas em histórias reais e não conterem violência em excesso. A opção por filmes que sejam “baseados em histórias reais” se deve à empatia que o termo desperta no espectador, sabendo que muitas obras cinematográficas são produzidas a partir de obras literárias, relatando algo vivido por outras pessoas. Em sabendo se tratar de casos reais, nossa percepção da obra é redimensionada, assim como, a empatia que sentimos pela história e pelos personagens. A opção pela escolha de filmes não violentos, ou não violentos em excesso, se deve à faixa etária do público-alvo, sabendo o quanto cenas extremas, como açoitamentos, estupros ou enforcamentos, podem chocar ou desestabilizar estudantes que se encontram na faixa etária dos 11 aos 14 anos.

O racismo está intimamente ligado à violência, seja ela física ou verbal. Muitas vezes, a discriminação está na linguagem, em ações cotidianas e/ou nas leis implementadas em países e/ou estados. Os três filmes escolhidos retratam o quão ilógico e absurdo é o racismo e como a iluminação, seja ela através do estudo, seja ela através da convivência, da obstinação e do amor, pode transpor as barreiras da ignorância e, assim, transformar pessoas e instituições.

Para isso, após a audição de cada obra, a proposta é a produção de um debate, ou seja, uma mesa redonda, abordando a trama do filme, sua relação com o período histórico do mesmo (informações essas que devem ficar a cargo do professor regente da turma), e como o negro era retratado na cultura e na história naquele momento.

TRÊS FORMAS DE REPRESENTAÇÃO

UM ROAD MOVIE PELO SUL RACISTA EM GREEN BOOK: O GUIA

O filme *Green Book: O Guia* se passa temporalmente em 1962, sete anos após Rosa Parks se recusar a ceder seu lugar em um ônibus a um passageiro branco no estado do Alabama e, assim, se tornando uma das personagens mais lembradas na luta pelos direitos civis que sacudiram os Estados Unidos na década de 1960. O ano de 1962 também marca a estreia de um dos maiores filmes a abordar o racismo: o clássico “*O sol é para todos*”, de Robert Mulligan.

Green Book: O Guia é a história de dois homens, de dois lados da mesma moeda e, ao mesmo tempo, a história de uma nação dividida pelo preconceito. Tony Vallelonga, ou Tony Lip, como é conhecido no submundo de Nova York, é um homem branco de origem italiana que trabalha como segurança

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

em uma boate e tem amigos ‘suspeitos’, possivelmente ligados ao crime organizado.

Donald Shirley, ou Dr. Don Shirley, como é conhecido, é um pianista virtuoso de origem afro-americana que passou muitos anos longe do seu país e que planeja uma turnê com seu grupo musical pelo sul dos Estados Unidos, sul este, marcado pela violência e discriminação contra negros e aqueles que advogam a seu favor. É nesse cenário de opostos que a trama de *Green Book: O Guia* se desenrola.

A história começa centrada em Tony Vallelonga e nos mostra um pouco da vida desse homem simples e pouco instruído, que trabalha à noite para sustentar sua família. Mostra também, em uma cena inicial, que Tony é preconceituoso, fato este, que é revelado ao público quando o mesmo joga na lixeira da cozinha dois copos que haviam sido usados por trabalhadores negros que faziam reparos em sua casa.

Dr. Don Shirley nos é apresentado como um homem gentil, elegante e de fala mansa, o que é visto no momento em que ele entrevista candidatos ao cargo de motorista para sua turnê, que ocorrerá pelo sul dos Estados Unidos. Seu apartamento é suntuoso e o completo oposto da casa de Tony, o que, a princípio, chama sua atenção. O fato de Tony ser questionado se trabalharia para um homem negro, e considerando sua resposta afirmativa, desde que “pelo valor certo”, nos revela um pouco de sua personalidade.

A trama realmente decola quando a viagem se inicia, momento em que o filme se revela um legítimo e divertido *road movie* (filme de estrada), se centrando na relação entre Tony e Dr. Shirley, relação essa, que começa formal e que ao longo da trama vai se desenvolvendo, e aos poucos, se transformando em amizade.

É durante a viagem que Tony e o público são apresentados aos absurdos do racismo e da segregação que imperava no sul dos Estados Unidos. Desde os bebedouros e banheiros para brancos e negros, até os hotéis em que poderiam se hospedar. E é nesse momento que o *Green Book*, o “guia” do título, revela sua utilidade e significado.

O *The Negro Motorist Green Book* (trad. Guia para Motoristas Negros) era um guia editado por Victor Hugo Green, destinado a negros que gostariam de viajar sem se preocupar com sua segurança. O guia oferecia dicas de hotéis, lojas e restaurantes em que negros poderiam frequentar e serem bem tratados como os brancos.



Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

O filme mostra o guia sendo usado e nele o preconceito sendo aplicado. Em alguns hotéis, os dois homens poderiam se hospedar, em outros, precisavam ficar separados. Em alguns casos, os hotéis destinados aos negros eram verdadeiras espeluncas de beira de estrada. Além dos hotéis e restaurantes, outros momentos em que o racismo se faz notar, é quando Dr. Shirley não pode usar o banheiro do lugar onde é a atração principal, e em uma cena posterior, quase no final do filme, quando não pode jantar no restaurante de um hotel, onde ele é a atração principal.

Dois momentos chaves, que são apresentados ao público, é quando Dr. Shirley nota como negros e brancos o percebem no sul do país. O primeiro, quando o carro superaquece próximo a uma plantação e os trabalhadores negros, suados e maltrapilhos, percebem que um homem branco está cuidando da mecânica do carro e, abrindo a porta do mesmo para um homem negro. A estranheza e o espanto se faz notar nos olhos e nas expressões faciais dos trabalhadores.

O segundo momento, é quando uma viatura policial para o carro em meio a uma tempestade e um dos policiais pergunta a Tony o porquê de ele estar dirigindo o carro, sendo que o mesmo responde que o homem no banco de trás é seu chefe, para o completo espanto do policial branco. O desenrolar da cena leva os dois homens à prisão e mostra o quanto a intolerância estava presente no cotidiano do sul dos Estados Unidos nos anos 1960.

O convívio entre Tony e Dr. Shirley, como mencionado anteriormente, se transforma em amizade e leva Tony a rever seus valores em relação aos negros, em cena mostrada de forma simples no final do filme.

Green Book: O Guia, aborda o racismo de forma leve e, precisamente, por sua leveza e bom humor, seria o filme adequado para alunos do sexto e sétimo ano do ensino fundamental. Os conteúdos a serem trabalhados/discutidos são a luta pelos direitos civis nos Estados Unidos dos anos 1960, tais como a Marcha para Washington e o celebre discurso de Martin Luther King Jr. na mesma.

Outros conteúdos seriam a biografia de líderes do movimento, como o próprio Martin Luther King Jr e a ativista Angela Davis, assim como, a criação do partido político Panteras Negras, além de músicas e filmes relacionados ao movimento e à época.

UM NEGRO MEMBRO DA KU KLUX KLAN EM “INFILTRADO NA KLAN”

Em 1978, ano em que se desenrola a trama de *Infiltrado na Klan*, o Movimento pelos Direitos Civis tinha conquistado suas mais expressivas vitórias, como o direito de estudantes negros frequentarem



Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

a universidade com estudantes brancos (1962/64), a concessão do Prêmio Nobel da Paz à Martin Luther King Jr. (1964), o direito ao voto (1965), entre outras. Vitórias conquistadas com coragem e sangue, e que levou ao enfraquecimento de uma das mais antigas organizações racistas do sul dos Estados Unidos, a Ku Klux Klan.

Mas enfraquecimento não significa extinção. E embora enfraquecida, a Klan, como era conhecida nos anos 1970, ainda buscava recrutas, e para isso se valia de anúncios em revistas e jornais, e, ao se deparar com um desses anúncios, o policial Ron Stallworth faz a ligação que daria início a uma das investigações policiais mais inusitadas já contadas pelo cinema.

Ron Stallworth foi o primeiro detetive negro do Departamento de Polícia de Colorado Springs. Como todos os recrutas, começou como cadete, em seguida passou pelo Departamento de Registro, onde teve contato com membros da unidade de narcóticos. Com o intuito de trabalhar como policial disfarçado acabou sendo incumbido de se infiltrar em uma reunião do partido político Panteras Negras, que aconteceria em um bar local. Após o sucesso da primeira missão como infiltrado, Ron é designado para o serviço de inteligência, onde se depara com um anúncio de jornal da Ku Klux Klan e decide, no calor do momento, ligar para o número anunciado.

Ao falar com o representante da Klan no outro lado da linha, Ron, por inexperiência, lhe diz seu nome verdadeiro, junto com uma lista de minorias as quais ele odeia (judeus, latinos, asiáticos, ítalo-americanos, mas principalmente negros), chamando para si, a atenção do extremista branco do outro lado da linha, assim como dos colegas do departamento de polícia que o cercavam, já que os mesmos desconheciam o teor da ligação.

Desse momento em diante, a operação policial exige a existência de dois Ron Stallworth: o negro que fala com a Klan e seus membros pelo telefone, e o branco que participa das reuniões presenciais da organização racista. Assim que o contato dos dois Rons com a Klan se intensifica, vemos com o decorrer do filme o racismo representado em tela de forma verbal, com insultos e injúrias que são destinados à raça negra, ao mesmo tempo em que, vemos o quão desprovido de inteligência e valores morais um racista precisa ser para acreditar na retórica que disseminam.

Entre todas as interações de Ron pelo telefone, as que mais se destacam são as que ocorrem com o historiador e político David Duke, que na época tinha o título de Grande Mago da Ku Klux Klan. David Duke “se deixa levar” pela lábia de Ron e, em dado momento, se orgulha de estar falando com um “verdadeiro membro da raça ariana”, ou “um americano de valores morais elevados”, e diz saber quando fala com um negro pela forma dos mesmos pronunciarem certas palavras.



Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

O ápice dessa interação acontece quando o filme se aproxima de seu final, com a visita de Donald Duke à Colorado Springs, onde se encontrará com Ron Stallworth e outros membros da Klan. Para a surpresa do verdadeiro Ron Stallworth, o mesmo foi designado para a segurança pessoal de Donald Duke, o que poderia colocar a investigação em risco, já que o Grande Mago poderia reconhecer sua voz.

Tal reconhecimento não ocorre e a interação dos dois personagens rende uma das cenas mais hilárias e absurdas da trama, onde o Ron Stallworth (negro) é fotografado pelo Ron Stallworth (branco) abraçando no último segundo o Grande Mago da Ku Klux Klan Donald Duke, um dos maiores racistas dos Estados Unidos e que até os dias de hoje aparece na mídia Norte Americana, como mostram as cenas com os créditos finais do filme.

Infiltrado na Klan, com sua trama movimentada e repleta de reviravoltas, aborda o racismo através do absurdo de cenas/diálogos com a assinatura autoral e perceptível do diretor Spike Lee, um dos cineastas mais engajados na luta pelos direitos dos afro-americanos no cinema americano, fato esse, que pode ser comprovado através de sua filmografia que engloba, em sua maioria, tramas relacionadas à discriminação dos afrodescendentes nos Estados Unidos.

Por sua trama mais adulta, e suas cenas moderadas de violência, *Infiltrado na Klan* seria mais indicado para as séries finais do ensino fundamental (oitavo e nono anos). Os conteúdos a serem trabalhados/discutidos poderiam ser vinculados à produção cinematográfica do diretor Spike Lee, ou seja, pesquisar e discutir seus outros filmes, assim como pesquisar sobre o cinema negro nos Estados Unidos dos anos 1970 e seu movimento mais representativo: a Blaxploitation.

TRÊS MULHERES NEGRAS NA CORRIDA ESPACIAL EM “ESTRELAS ALÉM DO TEMPO”

No começo dos anos 1960, o Movimento pelos Direitos Civis, que ganhou força nos anos 1950, iniciou uma nova forma de protesto. Na cidade de Greensboro, na Carolina do Norte, estudantes brancos e negros começaram a sentarem-se no chão de bares, restaurantes, museus, teatros, praças e outros lugares segregados e se recusavam a sair. A maioria era presa ou reprimida com violência pelas autoridades. Tais protestos não violentos acabaram criando empatia em partes da população e trazendo novos simpatizantes para a causa dos direitos civis e foram reproduzidos em diversos estados do país no começo dos anos 1960.

Em 1961, ano em que se inicia a trama de *Estrelas além do tempo*, o Congresso da Igualdade Racial



Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

começou a patrocinar as chamadas Viagens pela Liberdade, pelos estados do sul. Essas viagens consistiam em brancos e negros viajando juntos no mesmo ônibus com o propósito de se certificar que ônibus e estações rodoviárias não eram segregados. Nesse clima de mudança e contestação, e com uma boa dose de coragem e determinação, três mulheres começaram a fazer a diferença nos bastidores da NASA (Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço).

A trama de *Estrelas além do tempo* se concentra em Katherine G. Johnson, Dorothy Vaughan e Mary Jackson e em como essas três mulheres negras foram fundamentais para o envio do astronauta John Glenn ao espaço. Glenn foi o primeiro americano a orbitar a Terra, precedido somente pelo cosmonauta Yuri Gagarin, em 12 de abril de 1961.

Katherine G. Johnson foi a responsável pelos cálculos de reentrada da cápsula espacial que levou John Glenn ao espaço. Dorothy Vaughan foi uma das únicas supervisoras negras da NASA e Mary Jackson foi a primeira engenheira negra da história da agência espacial.

Em *Estrelas além do tempo*, percebemos o racismo de forma quase velada e como ele se fazia presente nos escritórios e corredores da NASA. Havia os banheiros para negros, os refeitórios para negros, além do discurso com frases como “eu não tenho nada contra pessoas como vocês” e/ou “mulheres não participam de reuniões”. Foi através do talento e da perseverança que as três protagonistas romperam barreiras e encontraram seu lugar na história da corrida espacial americana.

Mary Jackson, como o filme nos mostra, precisou de uma autorização judicial para estudar engenharia em uma universidade só para brancos, pois apesar da segregação ter sido derrubada pela Suprema Corte, o Estado da Virginia desobedecia à ordem de inclusão. Dorothy Vaughan, percebendo que o futuro estava nos computadores, “pegou emprestado”, ou seja, tirou sem autorização um livro sobre programação de computadores da biblioteca da cidade, e foi se aperfeiçoando e dominando a linguagem da informática e, assim, ensinando outras mulheres a como programar os mesmos.

Katherine G. Johnson, com seu domínio excepcional da matemática, criou a equação que possibilitou a volta do astronauta John Glenn do espaço, e foi uma das primeiras funcionárias da agência espacial a ser designada para a missão que levaria o homem à lua em 1969. Em reconhecimento a sua imensa contribuição ao programa espacial americano, Katherine G. Johnson foi agraciada, em novembro de 2015, com a Medalha Presidencial da Liberdade pelo presidente Barack Obama e, em maio de 2016, foi inaugurada a Instalação Katherine G. Johnson de Pesquisa em Computação em Langley, Virginia.

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

Com sua trama positiva, que mostra o quanto a determinação e o esforço são essenciais para a transposição de barreias e limitações, *Estrelas além do tempo* pode ser trabalhado do sétimo ao nono ano do ensino fundamental. Os conteúdos a serem trabalhados/discutidos poderiam ser vinculados ao trabalho de homens e mulheres negras na corrida espacial, a história da luta pelos direitos civis, assim como o levantamento de produções cinematográficas, musicais e literárias produzidas por negros no recorte temporal dos anos 1960.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para a realização deste trabalho, foram considerados os aspectos históricos das produções e o fato de as mesmas serem “baseadas em histórias reais”, assim como, as adequações dos filmes para as séries propostas (sexto ao nono ano do ensino fundamental).

Para a finalidade de exploração histórica das épocas retratadas nas produções, o livro *Uma breve história dos Estados Unidos*, de James West Davidson, foi utilizado para representar da forma mais exata possível os eventos que aconteciam na sociedade americana dos anos 1950, 60 e 70, e demonstrar as raízes do racismo e da segregação nos Estados Unidos.

O livro de James West Davidson, além de ser um relato instigante da história estado-unidense, conta essa mesma história sem academicismos, com a narrativa de um romance, e, dessa forma, envolve o leitor em 500 anos de história, trazendo em cada capítulo a gênese de um país vasto e disperso e mostrando como uma população tão díspar se tornou uma nação tão poderosa e influente, na economia, na política e na cultura.

Segundo RIBEIRO (2009), no artigo ‘Ética, racismo e cinema’, de autoria de Simone Aparecida Ribeiro, em parceria, diz:

[...] Muitos valores tem melhor assimilação e até mesmo mais chance de serem revistos a partir do que se assiste. Sendo a cinematografia uma arma poderosa, cujo poder é conhecido por muitos, seu uso e emprego são necessários e efetivados em diversos contextos, sendo algumas temáticas tratadas com sabedoria, e outras nem tanto.

Para o uso de produções cinematográficas, em sala de aula, se faz necessário destacar a importância do professor. Este deve estar cercado das melhores fontes de informação a respeito tanto do filme quanto do conteúdo que pretende abordar com o mesmo. Para isso é necessário fazer um levantamento da história da produção cinematográfica e do período histórico em que a trama se desenrola.

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

Filmes baseados em histórias reais tornam-se uma forma mais simples de abordar assuntos históricos e sociais na medida, em que, muita informação está disponível na web, seja em sites sobre cinema ou em sites dedicados ao conteúdo histórico. Outra forma de adquirir informações é o uso de websites oficiais, como, no caso deste trabalho, a extração de partes da biografia de Katherine G. Johnson, pesquisada no website da NASA.

As evidências de que o cinema é uma ferramenta educacional de peso, e que através do seu uso podemos maximizar a experiência cultural e de aprendizagem nas escolas e, assim, servir de ferramenta de ensino auxiliar, diante educadores, ou seja, um meio alternativo de trabalho para vários assuntos. É isso que pode ser observado no “Caderno de cinema do professor 2 – Luz, câmera e educação”, 2009.

[...] o cinema cria possibilidades de construção do conhecimento histórico escolar, pois o filme em sala de aula mobiliza operações mentais que conduzem o aluno a elaborar a consciência histórica, forma de consciência humana relacionada imediatamente com a vida humana prática, e que se constitui em última instância, no objetivo maior do ensino de História (ABUD, 2003).

O cinema, como recurso educativo, se mostra eficaz por reproduzir em imagens o que poderia ser apenas lido e discutido sem o seu uso. Apesar de termos imagens fotográficas e a internet que produz inúmeros recursos visuais, o cinema, através da narrativa, da trilha sonora e do recurso de técnicas dramáticas, consegue amplificar nossa experiência com a história/conteúdo a ser abordado, tornando a experiência de aprendizagem mais viva e, por que não, impactante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato que levou à reflexão sobre o trabalho educativo, com o uso de filmes que abordam o racismo, a partir do sexto ao nono ano do ensino fundamental, foi o assassinato do cidadão negro norte americano George Floyd por policiais brancos no estado de Minneapolis. A morte de Floyd levou a constatação de como vidas negras parecem insignificantes para cidadãos brancos e como esses cidadãos se mostram indiferentes à população negra, suas lutas, perdas e conquistas.

Para que possa haver uma mudança de percepção e postura na sociedade, não somente na camada branca da população, a conscientização sobre o racismo e o combate a ele se fazem necessários. Mídias como cinema e música são ferramentas de conscientização, especialmente aquelas que abordam histórias reais, por mostrar como a luta por identidade e igualdade da população negra foi um movimento de conquista e, por que não, de uma revolução social sem uma guerra civil.

Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 4 - Educação de qualidade

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICA

DAVIDSON, James West. **Uma breve história dos Estados Unidos**. James West Davidson, tradução Janaína Marcoantonio. – 2ªed. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.

Periódicos de meio eletrônico

ABUD, K.M. **A construção de uma didática da História**: Algumas ideias sobre utilização de filmes no ensino. Revista História, São Paulo, n.1, vol.22, p.183-193, 2003. Visualizado em: 14 de Jul. 2020. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010190742003000100008&script=sci_abstract&tlng=pt

CAPEL. Ministério da educação. Britannica Escola. **Movimento pelos direitos civis**. Visualizado em 16 de Jul. 2020. Disponível em:

<https://escola.britannica.com.br/artigo/Movimento-pelos-Direitos-Civis/480991>

NASA. National Aeronautics and Space Administration. **Katherine Johnson Biography**. Visualizado em: 13 de Jul.2020. Disponível em:

<https://www.nasa.gov/content/katherine-johnson-biography>

RIBEIRO, Simone Aparecida; SILVA, Carine de Almeida; LEMOS, Camila Mendes; DUARTE, Josiane Silva; a TORNO, Luciane Emília Zanardi. **ETNIA, RACISMO E CINEMA**. Visualizado em 15 de Jul. 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/usuario/Downloads/ETNIA,%20RACISMO%20E%20CINEMA.pdf>

SCHWARZINGER. Camila Biasotto de Araujo. **A REPRESENTAÇÃO DOS NEGROS E NEGRAS NO CINEMA: TRÊS MOMENTOS NORTE-AMERICANOS**. Evento **História e Democracia: precisamos falar sobre isso** - XXIV Encontro Estadual da ANPUH/SP – 3 a 6 de setembro de 2018, na Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, Campus Guarulhos. Visualizado em 18 de Jul. 2020. Disponível em:

<file:///C:/Users/usuario/Downloads/>

<A%20REPRESENTA%C3%87%C3%83O%20DOS%20NEGROS%20E%20NEGRAS%20NO%20CINEMA.pdf>

Periódicos midiáticos

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

Estrelas além do tempo. Direção: Theodore Melfi. EUA. 2016. Colorido. 127 min. Título original: Hidden Figures.

Green Book: O Guia. Direção: Peter Farrelly. EUA. 2019. Colorido. 130 min. Título original: Green Book.

Infiltrado na Klan. Direção: Spike Lee. EUA. 2019. Colorido. 135 min. Título original: BlackKlansman.